



Alternativas para um ensino multiconectado

ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. 215 p. (Estratégia de Ensino, 40). ISBN 978-85-7934-069-7

Francisco Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Conjunto Universitário, Bloco IV, Cidade Universitária, 58059-900, João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com

Podemos constatar atualmente uma verdadeira efervescência no debate acerca da proposição e incremento de uma educação digital. Face ao primado que as tecnologias digitais exercem nas relações pessoais, profissionais e comunicacionais, a escola já não pode se furtar a essa realidade que se esboça e faz repensar sobre o modelo educacional vigente, sobre os sujeitos que queremos formar no âmbito de uma sociedade congenitamente marcada pelo digital. Logo, na academia, despontam diferentes abordagens em torno das inflexões da cultura digital em termos de ensino. Trata-se de uma discussão recente, porém, frutífera e bem ancorada teoricamente, cujo propósito tem sido especular acerca da função dessas tecnologias no ambiente escolar e, por conseguinte, propor alternativas didático-pedagógicas voltadas para o trabalho com os diferentes gêneros da esfera digital. Inserimos o livro *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*, organizado por Rojo (2013), no seio dessa discussão e, ao mesmo tempo, apontamos para a ousadia e o caráter pertinente da proposta.

Organizado em dez capítulos, o livro ora resenhado parte da tese segundo a qual

[...] se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e de produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas (ROJO, 2013, p. 8).

Frente a essa exigência da contemporaneidade, os textos reunidos nesse livro objetivam discutir a questão dos gêneros que circulam, principalmente, no ambiente digital, considerando-os no âmbito dos multiletramentos – conceito que não abarca somente a diversidade semiótica dos discursos digitais, mas também sinaliza para a hibridez e a feição múltipla das culturas contemporâneas, com ênfase na cultura juvenil.

Para começar, os leitores poderiam apontar uma lacuna no que se refere à exploração dos gêneros tradicionais multiletrados impressos (charges, tiras, infográficos, HQs, dentre outros) ou ainda dos gêneros emergentes das redes sociais, os quais não são contemplados no leque variado de abordagens que os capítulos encerram. Por outro lado, acreditamos que isso não compromete a unidade da proposta, mas, antes, dá margens para ulteriores publicações sobre esses temas.

Esmiuçando cada um dos capítulos, indicamos que o primeiro, de autoria de Roxane Rojo, suscita uma discussão sobre os multiletramentos, considerando algumas ferramentas teóricas do Círculo de Bakhtin. A autora esclarece que, apesar de a abordagem desses autores estar voltada para o exame do texto escrito, é possível ampliar o escopo, com vistas a dar conta das linguagens híbridas e dos textos constitutivamente sincréticos, principalmente os que provêm do domínio digital. É justamente sobre este aspecto que o foco do capítulo gravita, na medida em que analisa a pluralidade do ponto de vista linguageiro e cultural de um ‘videoclipe’, de Marcelo D2. Nesse sentido, a pesquisadora chama a atenção para a miscigenação concernente à autoria do ‘clipe’, à junção de ritmos como o samba, o ‘rap’ e o pagode e ao estilo do vídeo (as tomadas, os planos, a disposição das imagens, dentre outros elementos técnicos do dispositivo audiovisual). A análise demonstra coerência com o aparato teórico adotado e, além disso, redimensiona as orientações do círculo, no tocante ao estudo de outras materialidades situadas para além dos limites do verbo.

No capítulo seguinte, de Mariana Batista de Lima e Paula Bacarat de Grande, as atenções estão voltadas para o exame das diferentes formas de ser mulher na hipermídia. Para tanto, as autoras tecem algumas considerações a respeito das particularidades da hipermídia, atentando para as construções identitárias e de gênero que são

discursivamente engendradas nas teias da *web*. Tomam como objeto para análise três *blogs* que tratam do feminino na contemporaneidade, em diferentes perspectivas (movimento feminista, beleza e gênero). A despeito desse capítulo destoar dos outros, especialmente no que tange ao enfoque, pois não discorre, *a priori*, sobre a questão do ensino, é interessante notar as conexões efetuadas pelas autoras quando apontam para as consequências que essa abordagem crítica acerca do feminino pode incorrer na consecução de um ensino mais reflexivo, considerando a escola como a principal agência de letramento da nossa sociedade.

Posteriormente, no texto de Junot de Oliveira Maia, enceta-se um olhar sobre os novos e híbridos letramentos em contexto de periferia. Refletindo a partir das proposições de García Clanclini (2008), esse capítulo defende que a contemporaneidade abre espaço para “[...] práticas marginais, entrecruzadas ou fronteiriças, ou seja, para a hibridização intercultural” (MAIA, 2013, p. 61). A emergência dessas práticas origina novas relações dos sujeitos com as TICs no cerne da pluralidade que norteia as culturas urbanas. Abordando questões como desterritorialização, descoleção, gêneros impuros e mídias locativas, o autor corrobora a existência de outras utilizações dessas tecnologias por parte dos grupos periféricos, repercutindo, inclusive, na aparição de práticas marginais de escrita. Atentar para esse aspecto pode ser de substancial importância na criação de condições didáticas adequadas aos multiletramentos sociais e culturais. A ressalva que fazemos a esse texto compreende uma indicação feita pelo autor no que se refere à metodologia adotada no capítulo. Segundo ele, as reflexões seriam empreendidas com base num estudo de caso. No entanto, o que vemos são elucubrações de cunho estritamente teórico a respeito da apropriação das TICs por parte dos setores periféricos e os novos tipos de letramento a serem demandados por meio dessa desterritorialização.

O texto que segue preconiza alguns apontamentos em torno da escrita colaborativa na *web*. Nesse capítulo, Eliane Fernandes Azzari e Melina Aparecida Custódio procuram radiografar as práticas dessa escrita participativa, além da questão da autoria, em gêneros digitais como as *fanfics* – “[...] história escrita por fãs, a partir de um livro, quadrinhos, animê, filme ou série de TV [...]” (AZZARI; CUSTÓDIO, 2013, p. 74), e na ferramenta *Google Docs*. As autoras expressam as modificações a que a noção de autoria está suscetível, a partir do avento de produções escritas de natureza coletiva, erigidas por meio das tecnologias digitais. Trata-se, portanto, de uma ampliação da figura do

autor, outrora corporificado num só indivíduo, uma vez que todos os alunos podem ocupar, num dado momento, essa função. Em sintonia com essas práticas, a escola poderia propor atividades ancoradas nos pressupostos norteadores da produção escrita de cunho coletivo, com os quais muitos jovens já estão familiarizados.

No capítulo seguinte, Dáfnie Paulino da Silva detalha as práticas de letramento mobilizadas pelos sujeitos usuários do jogo on-line MUD (*Multi User Design*), no qual o jogador concebe o mudo virtual por meio da leitura. Nesse universo cibernético, o usuário vale-se de diferentes tipos de letramentos, com vistas a ter um bom desempenho no ambiente social do MUD. Chama-nos a atenção, nesse texto, a forma como a autora descreve as especificidades do jogo, bem como os tipos de letramento a serem requeridos, lembrando também para a necessidade de projetos pedagógicos situarem-se na interface com as plataformas colaborativas e de interação da rede digital.

Dando sustentação a esse coro de vozes que insistem em discutir os pormenores da esfera digital encadeados ao ensino, o capítulo de Eduardo de Moura Almeida visa à possibilidade de estabelecer critérios para a elaboração de um protótipo de ensino no formato de livro didático interativo – LDDI. Para tanto, o capítulo focaliza as práticas de letramento (multiculturais e multissemióticas) presentes na mídia audiovisual, mais especificamente no processo de edição e divulgação de videocliques de fãs de animações japonesa (AMV). Conforme destaca o autor, a cultura do AMV almagama, a um só tempo, características dos quadrinhos (mangás) e dos *games* (animês). Essa face caleidoscópica do AMV permite-nos inserir tal prática num terreno multicultural por natureza, o que significa conceber ainda a relação existente entre essa produção audiovisual e a profissionalização do sujeito que cria, edita e distribui o AMV. O capítulo encerra-se com um quadro de atividades no qual estão dispostos vários módulos voltados para a criação de um AMV.

Posteriormente, no capítulo de Adolfo Tanzi Neto et al., tem-se uma análise de dois ambientes educacionais: um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e um Portal de Editora (PE). Os autores objetivam, com isso, “[...] avaliar em quê e como esses ambientes podem favorecer os multiletramentos” (TANZI et al., 2013, p. 136). Os resultados da análise empreendida evidenciam que tanto o AVA como o portal ainda ofertam poucas oportunidades de trabalho interativo, além de não fomentarem uma prática de produção coletiva do conhecimento que, em tese, possibilitaria um engajamento maior dos sujeitos no contexto

multiletrado das ferramentas digitais. Esse capítulo apresenta um olhar preciso sobre o objeto de estudo e uma confluência sólida com a perspectiva dos multiletramentos.

O capítulo seguinte trata de problematizar o advento do MOOC (Massive Open Online Course) no cerne da educação digital. Nessa parte do livro, Davi Faria de Conti enseja descrever as regularidades observadas nos MOOCs nos últimos anos, de modo a apreender as suas características fundamentais, observando a trajetória percorrida por esse tipo de curso no âmbito de uma discussão sobre mercado, sociedade e educação a distância. O autor reitera o fato de os MOOCs, em suas diferentes feições, não se alijarem de um perfil mercantilista da educação, cada vez mais acentuado nos dias atuais.

O penúltimo capítulo do livro propõe uma análise de portais de editoras de livros didáticos, no intuito de investigar se esses conglomerados eletrônicos fazem eclodir práticas de multiletramentos. A autora, Fabiana Panhasi Marsaro, não prescinde de discutir o papel das editoras de livros didáticos na atual conjuntura tecnológica, uma vez que somente a produção de materiais impressos pode configurar-se numa atitude obsoleta. Nesse ínterim, o capítulo descreve e interpreta três portais de editoras e chega a uma conclusão análoga ao trabalho de Neto et al., qual seja: “[...] os portais não se constituem como espaços para o compartilhamento ou produção, caracterizando-se apenas como plataformas de *marketing*” (MARSARO, 2013, p. 190).

Encerrando o livro, o capítulo de Eliane Fernandes Azzari e Jezreel Gabriel Lopes descreve uma experiência realizada com duas sequências didáticas em aulas de língua portuguesa e língua inglesa para a utilização de um livro didático digital interativo (LDDI). A proposta enxerta-se num momento histórico particular, no qual o governo tem intensificado uma política de distribuição de dispositivos móveis, como os *tablets*, para alunos das escolas públicas. Nesse capítulo, os autores estudam as potencialidades e os desafios referentes às possibilidades pedagógicas desses recursos tecnológicos. Além de descreverem a experiência didática, os autores explicitam dados, provenientes de questionários e de filmagens, que evidenciam a aceitação, por parte dos discentes, do livro didático digital interativo. Em linhas gerais, o capítulo abre frestas a partir das quais é possível entrever certa identificação dos alunos com esses materiais interativos, pois eles estão intrinsecamente atrelados a um modelo de sociedade em que a tecnologia digital ocupa um lugar preponderante.

Dadas essas considerações de natureza descritiva, dois pontos merecem ser enfocados em relação ao livro resenhado. O primeiro diz respeito ao *design* do material, em consonância com o formato composicional de dispositivos móveis, como *smarthphones*, *tablets*, dentre outros. Essa repercussão das características típicas do digital (imagens, símbolos, especificidades da escrita) no campo do impresso parece-nos sintomática na composição cada vez mais híbrida dos textos contemporâneos. Assim, os multiletramentos invocados no título do livro estão presentes em sua própria constituição. Eis um ponto consistente da proposta: aglutinar substância e forma, para citarmos uma nomenclatura bakhtiniana.

O segundo e último aspecto condensa os reordenamentos teóricos que o livro como um todo provoca. Dessa maneira, tem-se um redimensionamento de construtos advindos da Pedagogia dos Multiletramentos, do Grupo de Nova Londres, à medida que se propõe pensar a questão das culturas múltiplas sob a égide da hibridez, fincada nos pressupostos García Canclini (2008), e não somente sob o binômio culto/erudito. Ademais, os capítulos, em tom uníssono, sinalizam para uma ampliação da teoria de gêneros do Círculo de Bakhtin (2003), no intuito de estudar os gêneros multissemióticos da esfera digital, conforme evidenciamos na descrição do capítulo de Roxane Rojo. Some-se a isso a remissão frequente aos estudos de Kalantzis e Cope (2000), nos quais se vislumbra a proposição de uma educação linguística voltada para um alunado predominantemente multicultural.

Referências

- AZZARI, E. F.; CUSTÓDIO, M. A. Fanfics, Google Docs... a produção textual colaborativa. In: ROJO, R. (Org.). *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégia de Ensino, 40).
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.
- KALANTZIS, M.; COPE, B. *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Nova York: Routledge, 2005.
- MAIA, J. O. Novos e híbridos letramentos em contexto de periferia. In: ROJO, R. (Org.). *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégia de Ensino, 40).
- MARSARO, F. P. Portais de editoras de livros didáticos: análise à luz dos multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). *Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégia de Ensino, 40).

ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégia de Ensino, 40).

TANZI, A. N. et al. Multiletramentos em ambientes educacionais. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégia de Ensino, 40).

Received on May 30, 2014.

Accepted on October 6, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.